

RECENSÃO BIBLIOGRÁFICA

I

MACHADO F., Aires da Mata — *Lingüística e Humanismo*. Patrópolis, Editora Vozes Ltda., 1974, 198 pp.

"A lingüística tende cada vez mais a penetrar em outros domínios da pesquisa: Ciências Naturais, Tecnologia, Medicina, Sociologia, Biologia, etc.. Os seus métodos e a sua problemática tornam-se indispensáveis aos especialistas desses domínios".

O autor, já com quase trinta obras publicadas, é suficientemente conhecido nos nossos meios intelectuais, o que dispensa qualquer apresentação.

Quanto ao assunto da obra em questão, poderíamos adiantar que a tônica sempre presente, desde o esboço histórico das idéias lingüísticas até a situação da Lingüística no pensamento contemporâneo, é o objeto da Lingüística e suas modernas tendências.

E, nisto, o autor concorda com o lingüista sueco Bertil Malmberg, que afirma: "O papel da linguagem, para os indivíduos como para as coletividades, é tão capital, que a lingüística de hoje retém a própria atenção do grande público".¹

Pela leitura do "Sumário", verificamos que a obra se endereça a todas as pessoas interessadas no estudo da dialeção, da língua literária, língua comum, linguagem familiar, etc. e, especialmente, àqueles que reconhecem que esses estudos exigem esforço cooperativo por parte dos especialistas. Em função disso, o A. pro-

(1) — Bertil Malmberg — *Nouvelles tendances de la linguistique*. Paris, 1966.

cura, então, mostrar como na união entra história e lingüística, entre sociologia e lingüística, entre folclore e lingüística, "muita coisa se pode concluir a respeito do próprio comportamento humano". Por outro lado, o livro tem outro mérito: não pretende suplantar as fontes de referência e as técnicas existentes nas várias áreas de interesse.

Pelo contrário, seu escopo é servir como um guia de estudos (V. citações e bibliografias), fornecendo ao leitor informações sobre alguns dos livros e artigos mais significativos ligados a cada capítulo.

A própria perspectiva ampla da abordagem, distribuída em vinte e seis capítulos, não possibilita, em muitos casos, uma discussão minuciosa dos aspectos mais relevantes.

Torna-se, pois, impossível, numa recensão, apreciar-mos amplamente todos os capítulos da obra. Por isso, limitar-nos-emos apenas a salientar, em linhas gerais, como o autor apresenta e desenvolve certos aspectos da Lingüística.

Inicialmente, Aires da Mata acentua que "até a Idade Moderna os problemas relativos à linguagem foram encarados fragmentariamente, na dependência de absorventes disciplinas como a filosofia, a poética, a lógica e a retórica". Depois de enunciar que, no fim do século XIX, a lingüística foi dominada pelas exagerações do positivismo, passa a insistir em alguns pontos fundamentais.

Destacamos, por exemplo, sua insistência na preeminente influência de Saussure até nas mais recente tendências da lingüística moderna.

A esse propósito, cita John Lyons, que afirma: "O traço mais frisante da lingüística moderna, partilhado com um certo número de ciências, é o estruturalismo".²

Mais adiante, a respeito da teoria da gramática gerativa, esclarece Aires da Mata que: "Sustentar que a descrição da gramática de uma língua é gerativa, equivale a dizer que ela oferece uma enumeração explícita de suas próprias afirmações a respeito da estrutura daquela língua" (V. p. 40).

Assim, "gerativa" significa explícita. Por outro lado, sua intenção ainda é deixar bem claro que "a divisão entre os lingüistas modernos se verifica entre neobloomfieldianos ou estruturalistas, e gramáticos gerativo — transformacionistas, seguidores de Noam Chomsky" (V. p. 41).

Não considera também as idéias da gramática transformacional inteiramente novas e revolucionárias, mas pondera que a originalidade está nas tentativas de entrosar modernas técnicas com idéias rejeitadas pelos primeiros lingüistas de nosso século.

(2) — John Lyons — *Linguistique générale*. Paris, Larousse, 1970.

O próprio Chomsky, conclui o A., chama atenção para o fato que o modelo transformacional retoma e sistematiza conceitos familiares à gramática tradicional.

O capítulo referente ao "Objeto da Lingüística", como não poderia deixar de ser, gira em torno da célebre dicotomia — língua / fala, ilustrada, através de trechos significativos da obra de Saussure — **Cours de linguistique générale**.

Repeti-los, agora, seria uma redundância de nossa parte.

Ao abordar a dialeção, o autor nos informa que "em nossa língua, em Portugal como no Brasil, a dialeção é muito menos profunda, de sorte que as tendências unificadoras encontram menores obstáculos" (V. pp. 58-9).

Data de 1920 com **O Dialeto Caipira** de Amadeu Amaral a fundação dos estudos dialetológicos no Brasil, feitos em base científica.

Numerosos problemas depara o estudo da dialetologia. O legítimo, em se tratando de dialetologia, é a pesquisa a que se procede "in loco", obedecendo a questionários, tecnicamente organizados.

Contudo, também os documentos literários regionalistas têm o seu valor.

A respeito das "línguas especiais", deduzimos que as peculiaridades vocabulares é que distinguem as línguas especiais.

Desse modo, certos vocábulos mudam de significação, evocam sentimentos diferentes, conforme as pessoas que se servem deles e as circunstâncias em que são empregadas. Logo, "as peculiaridades léxicas pertencem, não ao indivíduo de per si, mas ao grupo em geral. Se cada pessoa não atuasse simultaneamente em grupos diferentes e se a fonética, a morfologia e a sintaxe não conservassem relativa unidade, toda língua de civilização se transformaria em nova babel de artes e ofícios" (V. p. 81).

Em seguida, o A. estabelece um paralelo entre a **língua dos ofícios**, palpante de afetividade, e a **língua científica**, que reflete o lado intelectual do pensamento, pois se caracteriza precisamente pelo predomínio da razão.

No tocante à "linguagem familiar", observamos que tão grande é a sua importância que Bally a considera "a mais autêntica manifestação da língua falada".³

Para a **língua escrita**, o autor apresenta as seguintes modalidades: a **linguagem administrativa**, a **linguagem jurídica**, a **linguagem técnica**, finalmente, a "língua literária".

(3) — Charles Bally — *Traité de stylistique française*. Paris, s.d.

Acerca da **língua literária**, adverte-nos ainda que "ela vive no presente, no passado e no futuro. Na **língua literária** predomina o aspecto individual, enquanto na **língua falada** prepondera o caráter coletivo" (V. p. 118).

Concluindo, Aires da Mata frisa que a "**Lingüística** é ciência oitocentista. As contribuições da antigüidade para os estudos da **linguagem** distinguem-se pela natureza filosófica" (V. p. 175).

Quanto aos **lingüistas**, estes aspiram a demonstrar a unidade da consciência lingüística humana.

Aí está, muito resumidamente, o conteúdo de **Lingüística e Humanismo**. Trata-se de uma obra de grande atualidadt e de máximo interesse para todos os estudiosos da língua materna e da lingüística em geral.

Lélia Erbolato Melo

Professora-assistente de Lingüística, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

II

PARA UMA PEDAGOGIA DA EXPRESSÃO ESCRITA

Realizou-se no dia 12 de dezembro de 1975 a apresentação e defesa da Dissertação para o título de Mestre, em um trabalho bem conduzido, bem elaborado. Havia grande expectativa em torno da Dissertação. Qualquer apresentação ou defesa de Dissertação é um acontecimento para o candidato e para o Curso de Pós-Graduação para não dizer para o ensino.

É uma dissertação de Mestrado do Prof. Gilberto Scarton. Pessoa voltada para os trabalhos de Ensino da Língua Materna. Veio para o Curso de Lingüística com dois objetivos: ampliar o campo de conhecimentos científicos e buscar um instrumento que aperfeiçoasse a docência. O Curso é de Lingüística Aplicada, embora esteja voltado programaticamente mais para a especulação... Gilberto Scarton com o seu trabalho parece ter querido corrigir essas deficiências implícitas ou explícitas nos programas.

É um talento a serviço do ensino por sua dedicação e por seu espírito inventivo. Das experiências em colégios da Grande Porto Alegre, ou do Centro, passou aos estudos lingüísticos, confrontando as novas teorias com as experiências do dia-a-dia em salas de aula. Os mestres do curso souberam dar uma orientação sólida sobre os grandes pilares da ciência lingüística.

A Dissertação - Para uma Pedagogia da Expressão Escrita - começou há precisamente um ano. É uma decorrência quase natural do professor de Língua Vernácula que sente cada dia a problemática do Ensino da Língua. A Pedagogia é ciência e arte. Na dissertação aparece a forma científica, que analisa, que investiga e que propõe soluções.

A experiência que o autor teve na realização da grande pesquisa da Escrita dos alunos do MOBRAL, favoreceu e propôs os instrumentos, os métodos da nova pesquisa no campo da escrita dos alunos das 8.^a e 4.^a séries, em 1974, em diversos colégios.

O levantamento da Língua escrita é tarefa árdua e exigente, principalmente quando se trata dessa etapa da existência da menina e moça ou do menino adolescente. As flutuações nos sentimentos, nas atitudes, exigem, como escrevia a Prof.^a Virginia Cortes de Lacerda a unidade Didática para alcançar a Unidade de Vida. Como esse mundo adolescente ou pré-adolescente é carente, é desejoso, é sequioso de unidade e de formação através da afirmação de valores.

E uma das maneiras mais indicadas para a consecução dessa Unidade é a Composição Literária.

O prof. Gilberto Scarton soube descer a esse terreno sáfaro, pedreguento, improdutivo para amanho, para cavar, para abrir leiras.

Não foi sua função lançar a semente, mas preparar o terreno. O trabalho lhe exigiu o conhecimento sereno das teorias lingüísticas, e das matérias tão importantes e basilares: A Fonética, Fonologia, Lingüística Aplicada e Metodologia do Ensino de Línguas. Aplicada e Metodologia do Ensino de Línguas.

Da teoria foi à prática, que é a exploração do campo, merecendo, a posteriori, a adequada aplicação em manuais escolares e outros trabalhos didáticos.

Os cursos de Mestrado e de Doutorado devem aliar a teoria à prática, levar os conhecimentos especulativos ao campo da realidade. É este um dos grandes méritos da Dissertação que hoje focaliza nossa atenção. O trabalho é simples no título, na apresentação e na execução.

Não tem grandes vãos, nem grandes discussões de teóricos. Tem o senso da realidade, a visão dos problemas que afetam os trabalhos dos professores de língua. Muito se fala, muito se grita

neste momento em todos os escalões da Cultura, da Política e da Pedagogia, pouco se realiza de concreto.

Aí está algo de concreto, um marco de partida, uma referência para o legislador e para o orientador.

Dos dados colhidos na investigação pode-se partir para outras caminhadas que melhoram o ensino da língua e que melhoram a formação da nossa gente.

A pesquisa está aí com a análise dos dados, com a discussão das possíveis causas, com a apresentação das sugestões mais plausíveis.

O trabalho é um exemplo e um ponto de partida. Não adianta investigar falhas, coligir lacunas, discutir impropriedades lingüísticas ou didáticas.

Precisamos ir além do questionamento; questionar e contestar é fácil principalmente nos dias atuais.

Precisamos partir desta Dissertação e de outros trabalhos similares, que se realizam no País, para a construção, para a renovação dos livros-textos, dos livros de exercícios. Precisamos voltar para o exercício insistente e perseverante da composição literária, que exige do mestre e do aluno mais concentração, mais vida interior, mais reflexão. O ser humano e o único ser capaz de raciocinar, se as novas gerações abdicam dessa propriedade essencialmente humana, o que acontecerá?

A redação, a leitura, o trabalho reflexivo da Língua levam a construir o homem por dentro, a unificá-lo para depois poder, sem maiores tropeços, subdividir-se em tantas tarefas para as quais é solicitado.

Para uma Pedagogia da Expressão Escrita é um alerta, é um indicador de caminhos, é um exemplo de seriedade no trato dos assuntos da Língua Materna, base e sustentáculo da formação e de nossa cultura voltada para os valores imperecíveis.

Dr. Elvo Clemente

III

— FUNDAMENTOS DA SEMÂNTICA, de Jayme Paviani
Dissertação de Mestrado em Letras, apresentada no dia
27 de maio de 1976.

A leitura da Dissertação — Fundamentos da Semântica de Jayme Paviani, é realmente uma satisfação para pessoas dadas à bela

arte de pensar, às habituadas à seqüência lógica do pensamento. É uma dissertação concebida e realizada inteiramente no fluxo da dedução lógica, coerente e imbatível.

O nosso Curso está de parabéns com esta apresentação. O vigor do pensamento, a argúcia do raciocínio, a limpidez do estilo brilharam nesta manhã, nesta casa de cultura.

Mais uma vez comprova-se a sentença e a experiência de Boideau: "O que sabemos bem, dizemo-lo simplesmente, e as palavras para expressá-lo vêm com facilidade".

Aqui, temos o trabalho do filósofo, do pensador, do argumentador, do homo sapiens, dos latinos e não dos antropólogos. O poeta, o esteta, o criador, ficou na reserva. O jogo aconteceu nas áreas da reflexão e da crítica. As paragens da poesia não foram tocadas, mantiveram-se à distância.

A argúcia da argumentação tem um momento de grande criatividade: lança mão dos princípios e teses de Greimas para atacar as posições da Semântica Estrutural.

Discutindo com os grandes pensadores, de Platão a Heidegger (ontem falecido), de Aristóteles a Merleau-Ponty, Jayme Paviani vai tecendo o fio de Ariadne dos Fundamentos da Semântica através dos tempos.

Discute as bases de Ullmann, confrontando-as com os princípios de Greimas.

Os professores de semântica, que são tão poucos, entre nós (a semântica é a parenta pobre da ciência da Linguagem), devem tomar por base o livro de Paviani, para sua fundamentação e orientação.

Ir. Elvo Clemente

IV

PAVIANI, Jayme, *Fundamentos da Semântica*, pp. 88, 23 x 16 cm, Porto Alegre, Sulina, 1976.

Trata-se de uma dissertação elaborada para obter o grau de Mestre em Letras na PUCRS. O A. pretende explicitar "a afirmação de Greimas, feita em sua obra *Semântica Estrutural*, de que a apreensão da significação situa-se no terreno do fenômeno perceptivo, assim como este foi desenvolvido por Merleau-Ponty, na sua obra *Fenomenologia da Percepção*" (p. 5). Propõe-se, pois, buscar

os fundamentos filosóficos como lugar não-lingüístico para um estudo da significação, um pressuposto ainda pouco explicitado no campo da Semântica e da Semiótica. Trata-se, pois, de um tema atual.

Na Introdução (pp. 9-20), o A. aborda o problema do dualismo, originado na velha distinção entre "physis" e "logos" sensível e inteligível. Constata que impera certo dualismo no pensamento ocidental. Este dualismo entre o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível, desde Platão e Aristóteles, através de Descartes até o Idealismo alemão, dificulta, na Semântica, delimitar a passagem da percepção para a significação, pois sublinha-se a importância do inteligível em prejuízo do sensível. Talvez em Kant haja uma exceção, neste sentido, pois, embora se tenha preocupado mais com o inteligível, não desprezou o sensível.

Primeiro o A. descreve o fenômeno da percepção (pp. 29-30), como experiência vivida com o método da descrição fenomenológica de Husserl e Merleau-Ponty. O ato perceptivo pertence aos atos da consciência e, como tal, sua característica é a intencionalidade. A consciência é sempre consciência de algo. Da mesma maneira, toda percepção é sempre percepção de "alguma coisa" sendo um dos suportes da relação consciência-mundo, relação mediada pelo corpo.

Depois o A. passa à "questão da significação" (pp. 39-54), na filosofia e no desenvolvimento da Semântica. Distingue a semântica de caráter lógico, físico e lingüístico. Enquanto a filosofia quer saber a origem e a essência da significação, a Semântica é a ciência que procura saber como compreender a significação. Legítima sua indagação de caráter filosófico por a ciência, histórica e ontologicamente, provir da filosofia, citando Heidegger: "Todo pensar científico é uma forma derivada e, como tal, consolidada de pensamento filosófico. A filosofia nunca nasce da ciência, nem pela ciência. Também jamais se poderá equipará-la às ciências. É-lhe antes anteposta e não apenas logicamente ou num quadro do sistema das Ciências. A filosofia situa-se em um plano da existência espiritual inteiramente diverso" (p. 54).

Numa terceira parte tenta explicitar a relação entre Percepção e Significação (pp. 55-78), destacando o problema da gênese da percepção. O corpo aparece como ponte que liga percepção e significação. O método fenomenológico aquém do conhecimento científico, para um conhecimento perceptivo, fundante, originário, é quase sempre ignorado pela própria ciência. Este fundamento não só a Semântica, mas o conhecimento científico em geral. Não se deve ignorar a natureza existencial da percepção, pois, a significação tem seu fundamento na natureza da percepção e da lingua-

gem. Para situar a passagem da percepção para a significação, descobre, no fundo do sujeito, a presença do mundo. "É por causa do surgimento do sujeito no mundo que tudo adquire um sentido" (p. 78). O mundo é inseparável do sujeito e vice-versa.

O A. questiona Greimas: "supõe o sensível em função do inteligível, abandona a investigação acerca da própria natureza da percepção, porque esta não cabe dentro dos limites do estudo do semanticista. Assim, consagra o mais radical de todos os dualismos e deixa obscuras as origens não apenas da significação em geral, mas do próprio conhecimento e da ciência" (p. 79). A semântica supõe a percepção. Importa esclarecê-la. A percepção é fusão com as coisas enquanto a reflexão é distanciamento das coisas, pois, define objeto e sujeito na ordem do conhecimento inteligível. Não se trata de menosprezar a reflexão em proveito do irrefletido, mas arraigá-la na vida concreta. Ora, esta é uma tarefa que só a investigação filosófica pode realizar, ou seja, só ela pode pensar os fundamentos da Semântica. O instrumento mais eficaz de que a filosofia dispõe é a fenomenologia.

O A. desenvolve, de maneira crítica e bem fundada, o problema proposto. Questiona, indiretamente, pressupostos do estruturalismo, mostrando seus limites no campo da Semântica e Semiologia, sem, no entanto, desprezar seu valor como método científico. Movimenta-se com grande segurança, por vezes com rara originalidade, no campo da Filosofia e da Semântica. Esta obra merece toda a atenção dos estudiosos.

Urbano Zilles

v

KATO, Mary Aizawa. **A Semântica Gerativa e o Artigo Definido.** São Paulo, Ática, 1974. 186 pp.

Há quem goste de escrever recensões arrasadoras, por darem elas ocasião a expor toda a superioridade e espírito do recensor. Não gosto delas, pela mesma razão. É difícil escrever **tal recensão sine ira et studio**; elas induzem a um estilo polêmico, não objetivo, não científico. Mesmo com boa vontade em todas as partes, é inevitável que o autor da obra fique ofendido e que, na medida da importância da recensão, caia em descrédito.

Mas não adianta: essa tese, apresentada à PUC/SP em 1972 e publicada em "versão revista" (p. 9), tem tantos defeitos substanciais e formais que não posso recomendar nem a sua aquisição nem a sua leitura. O que parece ser recomendável é a editora: o livro tem uma apresentação bonita e acurada; nas 186 páginas

descobri apenas 22 falhas tipográficas; isto significa um bom desempenho numa composição realmente difícil.

O objetivo do trabalho "é a formulação de uma teoria sobre o conteúdo semântico do artigo definido, e uma tentativa de representar esse significado formalmente, dentro da abordagem da Gramática Gerativa Transformacional" (p. 11). Logo adiante (p. 14), isso fica mais restringido às frases nominais em função de sujeito. O primeiro subobjetivo é realizado no cap. VII, em 27 páginas, e o segundo no cap. IX 4-5, em 8 páginas. Todo o resto do livro é relatório e discussão de várias abordagens, modelos e hipóteses que ou se rejeitam depois ou ficam desvinculadas das hipóteses centrais que se conservam. Morris Halle ensina a seus discípulos que o essencial num trabalho lingüístico não é demonstrar que algo pode ser feito de alguma maneira, mas sim demonstrar que deve ser feito dessa maneira. Talvez esse ensino seja responsável pela maneira de argumentação que tantos gerativistas, inclusive a autora, seguem: primeiro discutir todas as alternativas imagináveis, mostrar que são inadequadas e apresentar, só depois, a solução certa. Abstraindo do fato de que esse procedimento não é condição nem necessária nem suficiente para atingir a meta Halleana, ele enche as páginas e cansa o leitor com idéias que o próprio autor considera inúteis, mas que, em alguns casos, são até desenvolvidas por ele mesmo (p. ex. cap. IX. 2. 3).

O desenvolvimento do trabalho é o seguinte: O cap. I traz o inevitável esboço da teoria transformacional segundo CHOMSKY 1965. Ele é ainda mais supérfluo no presente livro, uma vez que este não se enquadra nessa teoria. Ao mesmo tempo, a autora julga dispensável (p. 28) igual esboço da teoria dos conjuntos e da lógica simbólica, instrumentos muito empregados pelos lingüístas gerativistas e pouco conhecidos de alguns deles (v. infra). Segue-se um capítulo desvinculado do corpo do trabalho que traz comentários sobre a geração do artigo definido e mais uma formulação dos objetivos. Cabe mencionar aqui, que as línguas-objeto do estudo são alegadamente o inglês, português e japonês, mas que se dedicam à discussão do japonês, fora de exemplos e notas, exatamente 52 linhas. Na p. 124 ficamos sabendo que "a tese faz uso dessa língua para demonstrar que uma única estrutura superficial de determinada língua pode ter duas ou mais estruturas superficiais em outras línguas com significados diferentes entre si, o que nos leva a suspeitar haver algo na estrutura profunda que é neutralizado." Será que havia realmente necessidade dessa demonstração?

O cap. III contém uma resenha bastante extensa da literatura sobre o artigo definido. Uma das obras que faltam é COSERIU

1955. Mas uma vez que isto é uma obra estruturalista, dificilmente ela teria influenciado o raciocínio da autora. Ela cita, p. ex., na nota 17 da p. 35, a hipótese de Hjelmslöv sobre o artigo definido, sem fazer mais caso dela; mas acontece que a hipótese a. da própria autora (pp. 14. 130) quer dizer, em palavras um tanto mais modernas, exatamente o mesmo. Em 3. 2 e 3. 7 ela discute, através de relatório, a dicotomia **genérico; específico**; nos capítulos seguintes esquece esse assunto e resolve os mesmos problemas mediante o traço [contável]. A resenha tem, em geral, nenhuma consequência para a solução da tarefa posta, e parece ser feita mais para fins de divertimento. Sobretudo é duvidoso, em princípio, o valor de uma resenha de segunda mão, como a que a autora apresenta nas pp. 33-34.

No cap. IV encontramos, sob o título "A categoria 'substantivo' ou 'nome'", um relatório e uma extensão da idéia de Lakoff de tratar o adjetivo e o verbo como uma só categoria — também sem consequência sensível para o resto do trabalho —, um relatório das teorias de Frege e Russell quanto ao artigo definido e a aplicação da teoria Russell ao português e inglês. Segue-se um capítulo sobre o traço [contável] (título: "subcategorização do nome"). Na gramática gerativa até 1974, [+ count] (= [+ contável]) é o traço atribuído a substantivos como **ovo**, **estado** que podem formar singular e plural por denotarem objetos contáveis, enquanto [- count] é atribuído a substantivos como **manteiga** ou **medo** que formam só um número, normalmente o singular, por denotarem massas ou objetos não contáveis, em geral. Nada mais simples. A partir de 1974, devemos contar com os seguintes empregos de [\pm contável]: para distinguir conjuntos referenciais definidos apenas qualitativamente dos definidos quantitativamente (p. 84); como traço da frase nominal e não do nome (p. 88); no sentido de [\pm específico], mas, erroneamente, atribuído a substantivos em vez de a frases nominais (p. 90 embaixo, onde aprendemos que **dog** em **Dogs eat meat** é [- count]); no sentido de delimitado, quantificável (p. 134); para distinguir frases nominais que denotam um conjunto finito das outras (isto é o sentido da definição da p. 144); no sentido antigo, portanto, como traço inerente de substantivos (p. 147 acima); e talvez haja outros empregos. O uso desconcertante feito dessa palavra não deve, porém, preocupar muito o leitor, por que no fim do trabalho (p. 170) ele fica sabendo que "no modelo proposto, os traços que figuravam nos anteriores deixam de ser necessários," de maneira que precisamos conservar [contável] apenas no sentido antigo. Igual negligência se observa, aliás, com **enumerável**, que ora (p. 125) se atribui a conjuntos (certo), ora (p. 170) a nomes (errado).

Diante dessa falta de compreensão de uma simples problemática, não é de admirar que a autora conclui o capítulo dizendo que

"o componente sintático da teoria padrão... não oferece resposta para os problemas..." (p. 92). Esta afirmação é gratuita, ficando sem justificativa, e vazia de sentido, visto que os problemas apontados são, como a própria autora reconhece (p. 91), problemas de interpretação semântica. Passamos, portanto, ao capítulo VI que traz "Extensões ou formulações alternativas da teoria padrão". É assim que a autora substitui a necessária apresentação da teoria da semântica gerativa ao público científico brasileiro, uma tarefa admitidamente difícil mas para cuja solução ela evidentemente dispunha da literatura relevante (sobretudo DAVIDSON/HARMAN (eds.) 1972 e STEINBERG/JAKOBOVITS (eds.) 1971). Em vez disso, o leitor deve-se resignar a esse capítulo que já traz sugestões específicas dentro da semântica gerativa, mas que deve-lhe servir de base para a compreensão de sugestões ainda mais específicas que virão depois. Vejamos só o exemplo da pressuposição. O conceito é introduzido a partir da p. 100, no mesmo parágrafo que o termo **asserção**. O leitor despreparado não pode saber que, aqui, **asserção** não é o complemento de **pressuposição**, mas é mencionado, de uma maneira associativa, no sentido de "afirmação", apenas para dar a uma colega o benefício de citá-la. Acontece o inevi-

tável: na página seguinte aparece **asserção** no sentido contraditório de **pressuposição**, sem nenhum aviso ao leitor. Uma página adiante, ficamos sabendo que o complemento de **pressuposição** é **foco**, uso infelizmente introduzido por Chomsky, que predetermina, provavelmente de uma maneira errada, o problema da relação entre **foco** (= "centro da ênfase") e **asserção**. A nota 13 da página 103 predetermina mais um problema, o da relação entre comment (+ "informação nova") como oposto a **topic**, e **asserção** como oposta a **pressuposição**. Durante todo esse tempo, o leitor não recebe nenhum esclarecimento sobre o que é uma pressuposição. Mas esta noção é fundamental para a compreensão do resto do trabalho. (Uma proposição p é uma pressuposição de uma proposição q se, e somente se, $(q \rightarrow p) \& (q \vdash p)$. Exemplo: p = "A porta está aberta" e q = "Feche a porta!")

O sétimo capítulo apresenta a interpretação semântica do artigo definido em termos da teoria dos conjuntos. Aqui vem a proposta "teoria sobre o conteúdo semântico do artigo definido", em forma das seguintes três regras: "a FN — sujeito da uma oração conterá artigo definido: a. se, e somente se o conjunto por ela denotado pertencer ao universo do discurso (condição necessária e suficiente); b. se a FV da oração faz uma asserção sobre todos os membros do conjunto (condição necessária mas não suficiente); c. (válida somente para o inglês) se o conjunto denotado pela FN — sujeito não for infinito ou não quantificável (condição necessária mas não suficiente)" (p. 130). Essas regras me parecem interessantes e dignas de verificação; mas o ar lógico que as acompanha

é, ao mesmo tempo, seu fracasso. Primeiro, qual deve ser a junção lógica entre as três regras? Tudo sugere que se trata de conjunção; mas para que, então, acrescentar as condições necessárias b e c. à condição a., que já é, alegadamente, necessária e suficiente? Se a autora pensa em impor, com b. e c., condições mais restritivas do que a., a conjunção a & b & c será falsa. O fato é que a. não é uma condição suficiente: a autora está-se esquecendo de seu caso [+ partitivo] (pp. 114-116). Segundo, se b. e c. devem ser condições necessárias, elas terão que ser formuladas como tais (empregando-se "somente se"). Terceiro, o "conjunto... denotado" em a. e c. é sinônimo com o "conjunto referencial", termo introduzido na p. 78. Mas ali, ele é introduzido como sinônimo de "universo de discurso". O que significa, então, a regra a.? O livro não mostra, em geral, grande firmeza nos formalismos tão pretendidos; um exemplo deve bastar: na p. 164, a autora quer dizer " $\emptyset < m < n$ ", mas coloca " $m \{ \neq \emptyset \}$ ", o que significa " $m \neq \emptyset$ ou $m < n$ ".

O cap. VII ainda contém uma seção (2. 1) sobre o subjuntivo em orações relativas do português. As três regras (p. 122s) que a autora dá para explicar o modo em orações relativas, e o artigo no antecedente, estão erradas: regra 2. é contradita pelo exemplo (63) (p. 121), regra 3 pelo exemplo (59) (p. 120), e regra 1. pela discussão pp. 114-116. Pois, se eu a entendo bem, ela diz que a diferença entre (30) e (29) (p. 114), que se manifesta, superficialmente, como artigo definido vs. indefinido, se deve ao fato de a proposição da oração relativa ser uma pressuposição em (30) e não em (29). Se isso está certo — como acho que está —, a escolha do artigo em relativas com tal pressuposição já não é livre, como o diz a regra 1. Ou talvez a autora queira dizer que tal pressuposição existe também em (29), mas somente na acepção a.; aí (20) seria mais um contraexemplo para a regra 2. Em todo caso, visto que o uso dos artigos nos antecedentes de orações relativas não é restringido pelo modo, a seção 2. torna-se supérflua. Uma discussão um pouco mais adequada desses problemas encontra-se em RIVERO 1974.

O cap. VIII consiste de relatórios de literatura sobre as três maneiras de referência: através do contexto situacional, do contexto lingüístico e do conhecimento do mundo. A vinculação com o resto do trabalho se dá de uma maneira ligeira através da idéia de que o artigo definido pressupõe a identificabilidade do referente por parte do interlocutor.

O último capítulo retoma todas as colocações já apresentadas no cap. VI, com o objetivo de enquadrar o artigo definido nelas, depois ver que assim não dá, e passar para a seguinte, para ficar,

por fim, com a última. Vejamos, então, qual é essa "certa". James D. McCawley, ao lado de George Lakoff, o maior promotor da semântica gerativa, propôs que na representação subjacente de uma frase se separassem os nomes para figurarem, cada um, sob um nóculo FN junto com uma variável que lhe é atribuída, e que na própria proposição eles fossem representados apenas por estas variáveis. (Sugestão parecida encontra-se em KEENAN 1972.) A autora aprimora esta idéia, dizendo que só FN's definidas são assim separadas, enquanto indefinidas são introduzidas numa proposição. Assim poderíamos explicar o fato de a referência das definidas ser pressuposta e a das indefinidas, não, pela simples convenção de que tudo o que vem sob um nóculo FN está pressuposto. Sem mais **precisões**, essa idéia não é viável, visto que as proposições, se devidamente ramificadas, também conterão FN's. Mas suponhamos que, **com precisões**, seja viável, e vejamos a execução. Para representar a frase **O assassino de Smith é um louco** no sentido de "Quem quer que tenha assassinado Smith é um louco", a autora usa uma condicional (p. 165). Visto que nenhuma das orações constituintes contém alguma FN à qual poderia ser atribuída uma variável, a maneira de representação até aqui empregada falha. Mas para explicar o artigo definido do exemplo, ela precisa de tal FN. Introduce-se, então, sem comentário esclarecedor, uma nova maneira de representação, onde a FN não tem índice mas, em vez

disso, domina uma variável. É a autora que irá saber como interpretar isso.

Depois vêm representações de frases que contêm acento contrastivo. O primeiro exemplo é **The tall girl left**, já discutido adequadamente na p. 104, num relatório de Lakoff. Porém, a discussão que segue aqui (pp. 166s), não tem nada a ver com esse exemplo, mas parece mais tratar de um exemplo **The tall girl left**. Aliás, nenhuma das representações subjacentes é acompanhada de uma justificação; é sabido que metodologia não desempenha nenhum papel na gramática gerativa.

A última seção contém regras transformacionais para derivar artigos (p. 169). Nenhuma delas é aplicável a alguma das estruturas propostas, se fosse só porque a ordem de "prop" a "FN" nas descrições estruturais das regras e nas estruturas subjacentes é diferente. Elas pressupõem que variáveis sejam dominadas por FN's, o que, feita exceção do exemplo frisado acima, não é o caso. Em vez disso, elas deveriam mencionar o nome que fica definido, mas esse está excluído na formulação delas. Abstração feita de tudo isso, a transformação (iv) que deveria produzir configurações do tipo "numeral + de + def" produz apenas o numeral **um**. Regra (vi), se fosse aplicável, p. ex. a (42') — supondo que a autora quer dizer isso (prudentemente, ela não dá exemplos da

aplicação de suas transformações) —, regra (vi) geraria, provavelmente com exclusividade, frases agramaticais. Etc. Em geral, fica obscuro como se resolveriam, neste modelo, todos os problemas discutidos anteriormente e não retomados aqui. Em particular, resta a pergunta de que relação existe entre as duas análises semânticas aceitas pela autora: aquela, em termos da teoria dos conjuntos, e essa, em termos de estruturas lógico-semânticas. A autora devira explicitar como o modelo gerativista aceito, explica cada um dos fenômenos analisados no cap. VII e como ele incorpora, em particular, as três regras da p. 130.

O trabalho contém muito mais falhas, contradições, inconsistências, negligências e passagens obscuras do que pude abordar aqui, e elas se sobrepõem às poucas idéias novas de tal maneira que torna impossível julgar se essas são notáveis. Quais são os critérios para a publicação de uma tese?

Christian Lehmann

CHOMSKY, Noam 1965 *Aspects of the theory of syntax* Cambridge, Mass.: M. I. T. Press

COSERIU, Eugenio 1955 "Determinación y entorno". *Romanistisches Jahrbuch* 7: 29-54. Copiador. Id., *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos. 1967: 282-323

DAVIDSON, Donald *Semantics of natural languages*. Dordrecht: 1972 D. Reidel

HARMAN, Gilbert (eds.)

KEENAN, Edward 1972 "Semantically based grammar". *Linguistic Inquiry* 3:

RIVERO, María-Luisa 1974 "Definite and indefinite NP's in Spanish".

CAMPBELL, R. Joe et al. (eds.) *Linguistic studies in Romance languages*. Washington: Georgetown Univ. Press

STEINBERG, Danny A. *Semantics. An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. London: Cambridge Univ. Press

JAKOBOVITS, Leon A. (eds.) 1971

Influências de Diferentes Situações — Estímulo na Criatividade em Redação — WIEDEMANN, L. — Dissertação de Mestrado.

A Prof.^a Lyris Wiedemann apresentou na semana passada a dissertação de Mestrado em Educação na UFRGS, sob o título — **Influência de Diferentes Situações — Estímulo na Criatividade em Redações**.

A professora foi orientada em sua pesquisa e em seu trabalho pela Dra. Euza Maria de Rezende Bonamigo. É realmente uma dissertação que muito exigiu da candidata e que alcançou excelente resultado, tanto da comissão examinadora como do avanço em técnicas e medidas de avaliação de aprendizagem da expressão escrita.

Novamente estamos diante de uma pesquisa heróica e solitária no Campo de Lingüística, no caso específico da língua materna entre adolescentes da 7.^a série da região metropolitana.

Esse tipo de pesquisas abre novos horizontes e novos campos ao ensino e ao estudo da língua.

O trabalho visou a explorar um campo relativamente pouco estudado, como salientou a revisão da literatura, e levantar, a partir dos dados obtidos, algumas perspectivas e direções para a pesquisa e o ensino.

A autora, em seu experimento, teve por objetivo testar a influência de cinco tipos de situações — estímulo, utilizadas em um período de quatro semanas sobre duas dimensões da criatividade (fluência e flexibilidade) em redações analisadas no plano lingüístico e ideativo. As situações-estímulo incluíam títulos, leitura de textos, discussão de textos e exercícios de livre-associação.

Fato curioso foi constatado: os grupos que trabalharam com discussão de texto aparentemente desenvolveram mais a flexibilidade lingüística, e aqueles que utilizaram textos sem discussão, a fluência ideativa.

Estudo como este constitui base de discussão e de desafio para os mestres de redação que realmente desejam empenhar-se na boa aquisição da língua materna. Eis um território de tanta importância e ao mesmo tempo tão pouco explorado. É preciso seguir o exemplo de Lyris Wiedemann que, em seu trabalhos no Centro de Estudos da Língua Portuguesa, em suas monografias no Curso de Pós-Graduação em Educação, em suas pesquisas lingüísticas sempre teve e tem em vista a melhor aprendizagem da expressão oral

e escrita, o melhor uso da língua, para o melhor comportamento da pessoa em sua comunicação com o outro.

Encerramos estas rápidas notas com as sugestões da Mestra, quando escreve: há grandes lacunas existentes no plano teórico, no que se refere aos estudos da Psicolinguística, Criatividade ou Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, não se deve esquecer que subsídios decisivos podem ser dados também pelo "prático", ou seja, pelo professor que trabalha, no dia-a-dia, em contato com o aluno, aquelas formulações construídas pela teoria. Para isso, todavia, é preciso que, antes de mais nada, ele seja uma pessoa que **busque, procure, interrogue.**

Nesse sentido, seria útil que novos trabalhos nascessem, como este, da vivência de sala de aula, analisando os mesmos ou outros aspectos da redação escolar, atividade que parece propiciar um campo fértil para o estudo da aquisição de estruturas linguísticas e do desenvolvimento do pensamento criativo.

Em tudo é preciso esforço, inteligência, espírito de observação. É do esforço bem conduzindo que nasce e se desenvolve a criatividade.

Esforço conjugado do professor e do aluno; só o binômio ativado é que realiza a maravilha da criação no aprendizado da expressão oral ou/e escrita.

Com os louros da vitória, Lyris abre um caminho para os colegas no experimento, na pesquisa, em prol da aquisição da língua materna, pelo exercício da redação.

Como os antigos, repetimos: Vivant sequentes!

Ir. Elvo Clemente